A EDUCAÇÃO POPULAR COMO UMA PRÁTICA EMANCIPATÓRIA

LOURDES SIMONI DOS SANTOS NASCIMENTO

RESUMO:

A Educação é um fenômeno material social, com todas as suas propriedades, relações e ligações situa-se no interior do processo histórico como desenvolvimento dos seres humanos. A Educação enquanto expressão possível se apresenta como prática social para a realização do devir humano. Os sentidos humanos como processo de libertação da consciência dos indivíduos, enquanto possibilidade de compreender a realidade objetiva, na sua essência e fundamento, torna necessária a transformação social pela classe trabalhadora. O entendimento de que temos desenvolvido sobre a Educação da classe trabalhadora aponta para uma Pedagogia Social como meio prioritário contra-hegemônico ao modo de produção vigente, expressão de Luta de Classes, uma das categorias centrais da ação pedagógica orientada para a emancipação da classe que tem a sua mais-valia expropriada.

Palavras-chave: Educação, Escola, Luta de Classes, Humanização.

ABSTRACT:

Education is a material social phenomenon, with all its properties, relationships and connections, it is situated within the historical process as the development of human beings. Education as a possible expression presents itself as a social practice for the realization of human becoming. The human senses as a process of liberating the consciousness of individuals, as a possibility of understanding objective reality, in its essence and foundation, makes social transformation by the working class necessary. The understanding that we have developed on the Education of the working class points to a Social Pedagogy as a priority means counter-hegemonic to the current mode of production, expression of Class Struggle, one of the central categories of pedagogical action oriented towards the emancipation of the class that has its expropriated surplus value.

Keywords: Education, School, Class Struggle, Humanization.

INTRODUÇÃO

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Ao iniciarmos o debate que nos propomos neste artigo, é preciso indagar sobre

a teoria que sustenta os saberes revolucionários que chamamos Educação da Classe Trabalhadora, hipótese esta que toma força material a medida que as massas dela se apoderam, e por meio dela operam transformações sociais.

O processo de desalienação e tomada de consciência do proletariado, o seu

processo de desenvolvimento das condições necessárias para compreensão da essência da realidade objetiva e as relações que nela se desenvolvem, entretanto, somente será o passo decisivo na luta de classes em direção a uma mudança radical no metabolismo da realidade social, quando alimentar a mobilização política das massas revolucionárias, quando for o fundamento de uma determinada prática social que reúna certas condições sob as quais a revolução intelectual tomará forma de revolução social.

Somente quando a função histórica da teoria consistir no fato de tornar esse passo possível na prática; quando for dada uma situação histórica na qual o conhecimento preciso da sociedade tornar-se, para uma classe, condição imediata de sua auto-afirmação na luta, como nos diz Lukács, "somente então a unidade da teoria e da prática, enquanto condição prévia da função revolucionária da teoria, será possível. (2003, p.66).

Por isso o marxismo é também chamado "Filosofia da Práxis" (SÁNCHEZ- VÁZQUEZ, 2007), pois a sua teoria somente encontra validade quando submetida a critérios práticos de validação, como nos diz a Segunda Tese sobre Feuerback (MARX e ENGELS, 2002), compreender se o pensamento humano enquanto representação ideal da realidade material corresponde a uma verdade objetiva, ou seja, se a teoria corresponde ao real, não é um problema da teoria, e sim um problema prático, pois é na prática que o indivíduo tem que demonstrar a verdade, a força, e o caráter terreno de seu pensamento.

Isso nos permite apontar que a prática social dos sujeitos é o critério de verdade

de todo o conhecimento produzido, e dialeticamente, é na prática social que são desenvolvidos os saberes dos indivíduos – enquanto categoria particular – e as representações sociais, os saberes compartilhados pela sociedade – enquanto categoria geral.

É neste sentido que o marxismo é o método de análise do concreto, de

compreensão da realidade objetiva, de sua essência e das leis de seu fundamento, de forma que os sujeitos – e as classes sociais – possam provocar alterações conscientes nesta realidade. O marxismo, como

compreendido por Lukács, não pode, sob pena de perder sua essência, "ser separado da atividade critica e prática do proletariado", pois ambos, compreensão de mundo e prática social, "são momentos do mesmo processo de evolução da sociedade" em processo de mútua dependência. "O conhecimento da realidade produzido pelo método é igualmente inseparável da perspectiva de classe do proletariado", segue o autor, "abandonar essa perspectiva significa distanciar-se do materialismo histórico, do mesmo modo como adotá-lo implica diretamente a participação na luta do proletariado" (2005, p.98).

A EDUCAÇÃO POPULAR

Analisando o contexto histórico da Revolução Russa de 1917, liderada por Lenin, uma contribuição que pretendemos trazer à discussão nesse texto. Preocupados com a tomada do poder pela classe operária, os dirigentes esqueceram que o poder não pode sustentar-se quando não há uma hegemonia de pensamento entre todos os que fazem parte da "massa" revolucionária. A revolução não se pode sustentar na ausência de uma consciência crítica que possibilite aos sujeitos compreender o porquê da revolução, a quem e o quê ela favorece.

Nesse sentido, se faz indispensável que os sujeitos da transformação social

tenham vivido e continuam vivendo o processo de emancipação dos sentidos, processo este que se dá, em nossa compreensão, por meio da Pedagogia Social. Quanto mais emancipados os sentidos forem pela ação de uma Educação crítica, como a que se refere Freire (1987), mais próximos estaremos da possibilidade objetiva de compreendermos a realidade como ela é em sua essência e fundamento, e não como ideologicamente nos impõem o Capital: a partir de sua manifestação aparente.

Logo, julgamos necessário esclarecer que a Educação precisa ser uma Educação "da" classe trabalhadora, e não "para" a classe trabalhadora. Esse debate confude-se co a trajetória da educação "do" campo, que durante muito tempo foi uma educação "para" o campo.

Durante decadas o modelo de educação urbana foi replicado no campo, desconsiderando as suas especificidades e demandas. Esse quadro muda quando os movimentos de trabalhadores do campo passam a se organizar e reinvindicar uma educação sensivel a formação e a desalienação do proletário.

Isso constitui que o proletariado deve ser sujeito, e não objeto, do seu processo educativo. O saber que já vem pronto, que foi pré-fabricado nos molde do Capital não tem espaço quando almejamos uma Educação emancipatória dos sentidos e libertador da consciência. Os saberes precisam desenvolver com quem vive o processo de transformação que se anuncia. Saberes oriundos da própria classe trabalhadora e, então sim, para si, saberes em prol da classe trabalhadora.

A Educação precisa assumir o caráter de necessidade essencial para a transformação social. Esse processo se dá pela formação e pelo o aprofundamento de uma consciência crítica sobre os fenômenos e processos da realidade. Essa forma de consciência possibilita reconhecer a existência das contradições sociais, bem como das formas ideológicas de dominação engendradas pela classe dominante, e dos processos de alienação do valor humano pelo valor da coisa.

Compreendemos que a Educação assume papel histórico essencial para o desenvolvimento da humanidade, no processo mesmo em que leva a formas cada vez mais humanas de organização social. O que nos diferencia dos animais não humanos é a existência da cultura, produzida historicamente por meio do trabalho humano criativo. A cultura, enquanto aspecto que nos é específico, nos desnaturaliza para tornar-nos cada vez mais humanos. "Transformando a realidade natural com seu trabalho, os homens criam o seu mundo. Mundo da cultura e da história que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os" (FREIRE, 1979, p. 32).

Fazemos parte de uma forma de organização social que substitui o valor humano pelo valor da coisa, transformando seres humanos em mercadoria destinada a produzir outras mercadorias para satisfazer o lucro. Vistos como mercadoria os seres humanos tem sua força de trabalho explorada assim como se exploram as demais forças produtivas em nossa sociedade. Com isso o trabalho criativo que leva ao desenvolvimento humano é transformado em trabalho alienado, quando a função deste é deturpada e seu produto final é o lucro do Capital. É dessa forma, especialmente, que se manifesta a exploração da classe trabalhadora no Modo de Produção Capitalista, ou seja, a partir da conversão da ontologia humana em mera reprodução da existência - o manter-se vivo. A compreensão que temos desenvolvido sobre a Educação da classe trabalhadora aponta para uma Pedagogia Social como meio contra-hegemônico ao modo de produção espiritual vigente, reflexo do modo de produção material hoje ainda predominante (MARX e ENGELS, 2002). A Pedagogia Social da qual falamos compreende dialeticamente o sujeito como um ser histórico, e, portanto, um ser de possibilidades; seu compromisso objetivado na prática zela pela emancipação e pela libertação da consciência da classe a qual se destina, levando os sujeitos a tomarem as rédeas de seu próprio vir-a-ser.

Entendemos que a Educação é um dos elementos que emancipa os sujeitos e os tornam participantes do processo de trans-

formação, e não meros expectadores; e que uma Educação que se constitua como prática de liberdade precisa trabalhar dentro de uma visão dialética da relação do ser humano com o mundo e a sociedade, considerando todos inacabados e, portanto, em permanente processo de transformação, pois ao agir sobre o mundo pela prática, na constante busca por sermos mais humanos, transformamos o mundo ao mesmo tempo em que nos transformamos.

Porém, a compreensão da realidade material como ela realmente é, como um processo histórico social, não é algo simples de se compreender na sociedade em que vivemos, pois a ordem social burguesa produz saberes invertidos, que desviam a classe proletária da compreensão revolucionária de sua real situação de classe. Compreender a realidade, para além do que se apresenta como imediato/aparente, pressupõe o desenvolvimento de uma consciência crítica a qual implica um compromisso com o mundo e com os homens e mulheres, com o desvelamento de suas contradições, de modo a criarmos as condições necessárias à transformação da realidade social na direção de relações comprometidas com o atendimento das reais necessidades humanas, e não nas necessidades artificiais criadas pelo Capital para sua própria manutenção, para a perpetuação de seu metabolismo baseado na propriedade privada dos meios de produção e na desigual distribuição das riquezas socialmente produzidas.

Sustentados na compreensão marxiana de que os pensamentos dominantes de determinado tempo histórico, suas forças espirituais, são os pensamentos da classe dominante de tal época, que reproduzem as relações materiais de produção e de dominação, entendemos ser preciso partirmos das relações sociais para entendermos como e porque os seres humanos agem e pensam de maneiras determinadas, sendo capazes de atribuir sentido a tais relações, de conservá-las ou de transformá-las, o que significa que precisamos compreender as relações sociais como processos históricos e, portanto, sujeitos a transformações por meio da prática dos mesmos sujeitos que, consciente ou inconscientemente, sustentam e legitimam tais relações. Segundo a compreensão de Marx,

A história de todas as sociedades até o presente movimentou-se em torno de antagonismos de classe que, em cada época, se apresentavam de forma diferente. Quaisquer que tenham sido essas formas, a exploração de uma parcela da sociedade por outra é um fato comum em todos os séculos passados. Por isso, não é de se estranhar que a consciência social de todas as épocas, apesar da diversidade e da diferença, se movimente segundo certas formas de consciência que só se dissolverão com o desaparecimento dos antagonismos de classe (2008, p. 43).

Nesse sentido, entendemos que a Educação da Classe Trabalhadora não pode ser qualquer Educação, mas sim aquela que trabalha o conhecimento crítico e político, que é capaz de desenvolver em nós o sentido da participação dos processos decisórios da sociedade, pois recordando Paulo Freire, ninguém é ignorante de tudo, mas o analfabeto político não consegue entender as causas de sua pobreza econômica (FREIRE, 2001).

A ética marxista, compreendida por nós como uma ética universal, o conjunto de valores comprometidos com o desenvolvimento das potencialidades humanas, é incompatível com o processo de desumanização desenvolvido pelas relações Capitalistas de produção, onde o proletariado produz as condições materiais de sua própria existência – a qual se atribui o nome de salário – e ainda produz as condições materiais de sustento da classe burguesa, à qual se denomina de mais valia ou de lucro. A fim de desenvolver essa clareza política é que a Educação precisa estar motivada e sustentada por uma forte convicção da possibilidade de outro mundo possível, que desafie o fatalismo imposto pela classe dominante, que quer manter o status quo da sociedade e, assim, manter o privilégio de viver da riqueza produzida pelo trabalho assalariado.

É dessa forma que entendemos que a Luta de Classes se constitui como ponto

fundamental para o desenvolvimento de outra realidade, qualitativamente diferente da que temos. Como diz Lowy "é a partir da luta de classes que se dão as condições mais favoráveis para um conhecimento científico da realidade, da verdade" (1998, p. 110).

Essa luta de classes que precisa ser evidenciada pela Educação da Classe Trabalhadora pressupõe o nosso conhecimento enquanto classe, o que significa nossa tomada de posição a favor da hegemonia dos trabalhadores e da organização em classe na luta por nossa vocação ontológica de sermos mais humanos, o que está indubitavelmente atrelado a nossa busca pela felicidade.

Numa sociedade, na qual hoje vivemos, em que predominam os sistemas pecaminosos das injustiças e opressões, a Educação para libertação tem que se identificar com o processo de organização das classes oprimidas para superar e transformar as estruturas opressoras. (SIMÕES, 1981, p. 28-29)

No processo de transformação social, qualquer postura ingênua em face do metabolismo social resulta em quefazeres igualmente ingênuos que podem conduzir a erros e equívocos funestos (FREIRE, 2001). Um desses equívocos pode ser o de reduzir a ação transformadora a um simples ato mecânico.

O desenvolvimento da consciência crítica implica, portanto, no aguçamento dos sentidos humanos para a libertação da cons-

ciência de modo a compreendermos a realidade em sua essência e fundamento. O desenvolvimento do conhecimento crítico por meio da emancipação humana para o pensar e o agir críticos relaciona-se não apenas ao projeto de outra sociedade, de outro mundo possível, mas é condição do processo de humanização do ser social, condição do desenvolvimento humano.

Freire nos diz que após a tomada do poder pela classe trabalhadora, a nova Educação haverá de ser tão política quanto a anterior. É preciso, pois, "criar uma Educação que aumente e amplifique o horizonte de entendimento crítico das pessoas, criar uma Educação dedicada à liberdade". (FREIRE, 2009, p. 206)

O pensar e o agir para a transformação exige um processo de trabalho consistente e persistente no sentido de organização dos seres humanos para a revolução social, pois quando a crise final do Capitalismo começou, o destino da revolução (e com ela o da humanidade) passou a depender da maturidade ideológica do proletariado, de sua consciência de classe (LUKÁCS, 2003).

Aqui atentamos para um ponto crucial sobre o que estamos trazendo na oportunidade deste artigo: é preciso que a classe trabalhadora se perceba enquanto classe, ou seja, que desenvolva uma consciência de si mesma, e de seu papel na sociedade. Somente o aprofundamento de uma consciência crítica sobre a situação de classe oprimida e explorada pelos interesses do Capital irá possibilitar a luta legítima na busca da transformação dessas condições materiais. "Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias" (FREIRE, 1979, p. 30).

Referimo-nos à consciência de classe como uma categoria sociológica própria aos modos de produção marcados pela exploração do homem pelo homem (pela luta de classes), em especial ao Modo de Produção Capitalista. Lukács nos aponta que "a vocação de uma classe para a dominação significa que é possível, a partir de seus interesses e de sua consciência de classe, organizar o conjunto da sociedade conforme esses interesses", ou seja, "a questão que, em última análise, decide toda a luta de classes é: qual classe dispõem, no momento determinado, dessa capacidade e dessa consciência de classe?" (2003, p.144).

Importa, assim, saber em que medida a classe trabalhadora tem consciência da prática que necessita desenvolver para a superação das relações sociais de exploração – sobretudo da propriedade privada dos meios de produção, que é a essência do Capital – e em que medida a Educação da Classe Trabalhadora opera para desenvolver saberes socialmente úteis que possibilitem a objetivação de tais práticas, ou seja, saberes reais sobre a condição de classe do proletariado.

Ao afirmar que "o destino de uma classe depende da sua capacidade de esclarecer e resolver, em todas as suas decisões práticas, os problemas que lhe impõem a evolução histórica", Lukács (2003, p.146), está nos dizendo que o destino da classe trabalhadora depende de sua capacidade de compreender a realidade e de resolver os problemas que ela apresenta, ou seja, que o destino da classe trabalhadora depende da conscientização do proletariado, de sua consciência de classe, e complementa o autor: "a combatividade de uma classe é tanto maior quanto melhor for a consciência que ela puder ter na crença de sua própria vocação" (2003, p.168), ou seja, quanto mais a classe trabalhadora livrar-se da ideologia burguesa que "atrapalha" sua compreensão da realidade e de sua própria vocação enquanto classe, mais próximo se estará das condições necessárias à objetivação desta vocação. Neste sentido, contribui Eagleton ao afirmar que:

> Somente quando o homem tiver reconhecido e organizado suas forças próprias como forças sociais, de tal modo que a força social não mais se separe dele na forma de força política, somente então a emancipação humana estará completa. (...) Sob o Capitalismo, nossos próprios sentidos se convertem em mercadorias e, sendo assim, somente com a abolição da propriedade privada o corpo humano seria libertado e os sentidos humanos se realizariam. (EAGLETON, 1999, p. 26)

Mészáros nos diz que a ideologia é uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada e como tal:

> Não pode ser superada nas sociedades de classe. Sua persistência se deve ao fato de ela ser constituída objetivamente (e constantemente reconstituída) como consciência prática inevitável das sociedades de classe, relacionada com a articulação de conjunto de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos. Os interesses sociais que se desenvolvem ao longo da história e se entrelaçam conflituosamente manifestamse, no plano da consciência social, na grande diversidade de discursos ideológicos relativamente autônomos, que exercem forte influencia sobre os processos materiais mais tangíveis do metabolismo social. (MESZÁROS, 2004, p. 65)

Na atualidade do Capitalismo, a ideologia burguesa ganha espaço pela expansão da visão pós-moderna de mundo que procura tirar da arena da compreensão social temas imprescindíveis para o processo de transição da sociedade. Como enfatiza Iasi:

O pensamento pós-moderno tenta resolver esse dilema decretando o fim da "totalidade". A verdade agora está na parte, no concreto concretamente existente, na singularidade do acontecimento. A totalidade e os fantasmas que a materializaram todos estes anos, como a história, a sociedade, o Capitalismo, as classes, o socialismo, o homem, foram desmascarados como meras construções, como discursos que tentam em vão reduzir o fluxo vivo do presente em esqueletos conceituais compreensivos. Eis que fica assim resolvido um dilema que assombrou todo o pensamento humano desde os velhos gregos: a relação entre o todo e suas partes. É na particularidade que encontramos a existência, decreta o pensamento pós-moderno, o todo não mais seria que uma projeção defensiva na qual os seres humanos buscam fugir do jogo aleatório da existência (IASI, 2006, p. 24).

Como referimo-nos anteriormente, a burguesia produz saberes ideológicos, saberes que vêm ofuscar a realidade, e não desvelá-la. Ocorre justamente com a pós- modernidade, e com os processos educativos que nela se amparam, que a realidade passa a ser compreendida a partir de sua manifestação aparente – não de uma totalidade complexa, síntese de leis e de relações – mas como algo fugaz que existe apenas no momento, e que se liquefaz com o pretenso fim das grandes narrativas e da própria história.

Este tipo de teoria é incapaz de sustentar uma prática social revolucionária, pois é incapaz de conduzir a classe trabalhadora à compreensão justa do real. Somente uma Educação da Classe Trabalhadora que se paute por saberes concretos, por saberes de classe, poderá tomar força material na prática social dos sujeitos, na forma de uma revolução proletária. Destacada a importância da Educação na sociedade em processo de transformação, urge que abandonemos o quanto antes os mitos que pretendem colocá-la como neutra. A Educação possui caráter essencialmente político, quando direcionada a emancipar os sujeitos. Mas o teor político que a conduz no interior do Modo de Produção Capitalista é também revelado quando a mesma é utilizada como elemento reprodutor da ideologia dominante, o que rompe nitidamente com a crença ingênua, ou astuta, de que a Educação é neutra. "A neutralidade da Educação, de que resulta ser ela entendida como um quefazer puro, a serviço da formação de um tipo ideal de ser humano, desencarnado do real, virtuoso e bom, é uma das conotações fundamentais da visão ingênua da Educação" (FREIRE, 2006, p. 28).

Nesse ponto é que se torna claro o quão importante é o papel da Educação na sociedade em processo de mudança. Seu caráter essencialmente político nos revela a necessidade de direcionarmos o processo educativo a favor do interesse comum: o nosso interesse enquanto classe trabalhadora, para que, enfim, nos libertemos da lógica de opressão e exploração imposta por uma minoria detentora do poder . O ato político é um ato de escolha. Freire nos atenta para isso quando coloca que:

(...) tanto no caso do processo educativo quanto no ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, fazemos a Educação e de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a Educação da política (FREIRE, 2006, p. 23-24).

Decidida essa questão da escolha enquanto ato político de favorecer a quem, ou o quê, e, portanto, posicionar-se contra quem e contra o quê, fundamental em nossa luta pela transformação social, urge que atentemos para a necessidade de organizar mudanças radicais nas formas de agir e pensar sobre o mundo e sobre os outros. As mudanças radicais nascem da compreensão profunda dos fenômenos e processos sociais, quando a essência destes nos revela que ações devemos tomar para resolver as contradições existentes.

Como nos traz Mészáros, (2005, p. 35), para que possamos romper com a lógica desumana e desumanizadora da sociedade do Capital "as soluções não podem ser apenas formais: elas devem ser essenciais". É por isso que a Educação tem como papel essencial a ação para o desenvolvimento de uma consciência crítica nos sujeitos do processo educativo, no caso, a classe trabalhadora; quanto mais profundidade ganhar essa forma de consciência, mais liberta a mesma estará das amarras ideológicas da classe dominante. "A conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a "des- vela" para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante" (FREIRE, 1980, p. 29). Por isso é que a conscientização implica em assumir o compromisso histórico da transformação social.

A Educação, enquanto "ação cultural para a liberdade" é um ato de

conhecimento em que na relação dialógica dos educandos com seu educador, onde ambos assumem o papel de sujeitos cognoscentes, faz-se uma tentativa de desmitologizar a realidade através do exercício permanente de afastar-se da realidade onde os sujeitos se encontram imersos, dela emergindo para então nela inserir-se criticamente. O ponto de partida do processo de Educação e da ação cultural para a liberdade está na luta por uma consciência crítica a ser aprofundada nos sujeitos sobre si mesmos e sobre a realidade (FREIRE, 2001).

Uma Educação que não promove a emancipação, reduz o ser humano a um "au-

tômato", receptor passivo do conteúdo ideológico dominante, o que constitui a negação de sua vocação ontológica de ser mais. "A vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto. Pela ausência de uma análise do meio cultural, corre-se o perigo de realizar uma Educação pré-fabricada, portanto, inoperante, que não está adaptada ao homem concreto a que se destina (FREIRE, 1980, p. 34).

O sentido de emancipação trazido por Freire entende que precisamos ser sujeitos de nosso processo educativo e de nosso vir-a-ser. O processo emancipatório implica em romper com os condicionantes sociais que impedem ou obstaculizam o desenvolvimento humano, possibilitando ao sujeito desse processo, que é a classe trabalhadora, libertar sua prática e sua consciência, agindo em favor de si própria, e não da classe dominante, inteiramente alheia aos seus anseios e necessidades.

Uma alternativa pedagógica da classe trabalhadora em prol de si poderia aproximar-se do que nos traz Dermeval Saviani quando propôs uma pedagogia dialética, a qual chamou de Pedagogia Histórico-Crítica. Conforme compreende o autor, uma teoria pedagógica é crítica se "leva em conta os determinantes sociais da Educação"; é não-crítica se "acredita [.] ter a Educação o poder de determinar as relações sociais, gozando de uma autonomia plena em relação à estrutura social" (1991, p.93).

A intenção do autor com sua teoria pedagógica histórico-crítica é oferecer aos educadores progressistas uma nova perspectiva, uma alternativa às pedagogias "dominadas" pela ideologia do Capital. Com isso o autor nos propõe que é viável, mesmo numa sociedade Capitalista, "uma Educação que não seja, necessariamente, reprodutora da situação vigente, e sim adequada aos interesses da maioria, aos interesses daquele grande contingente da sociedade brasileira, explorado pela classe dominante" (1991, p.94).

Saviani ressalta que a Pedagogia Histórico-Crítica, embora "consciente da determinação exercida pela sociedade sobre a Educação", o que a torna crítica, compreende que "a Educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para a sua própria transformação" (1991, p.94), o que a torna histórica.

Tudo isso é o entendimento de que o processo educativo que julgamos adequada para dar movimento à conscientização da classe oprimida, de modo que as massas revolucionárias desenvolvam uma prática consciente em prol de si, que objetivem sua vocação ontológica de, por meio da supressão das classes, retomar o processo universal de humanização do humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capitalismo conseguiu desvelar os mecanismos que roubam a essência humana e a atividade que supõe o domínio consciente dos seres humanos sobre seu desenvolvimento. Logo, se isso lhe é vedado pelo processo de trabalho, o resultado será o estranhamento, a desumanização.

Entendemos que a acusação deste processo de desumanização há de ser o principal compromiosso da Educação da Classe Trabalhadora. Desenvolver-lhe a consciência de classe enquanto arma decisiva na luta contra a ordem burguesa é possibilitar-lhe compreensão do real, é desenvolver-lhe sua real potencialidade para a prática revolucionária.

Dado o exposto, devemos depositar na Educação toda a esperança revolucionária, de superação do modo de produção vigente, também não podemos esperar que sem uma Educação adequada às necessidades da classe trabalhadora, qualquer alteração radical da ordem vigente possa ser posta em curso.

REFEÊNCIAS

EAGLETON, Terry. Marx e a Liberdade. {trad. por Marcos B. Oliveira]. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. [Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. O Caminho se faz Caminhando: Conversas sobre Educação e Mudança Social. [trad. por Vera Lúcia Mello Josceline]. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

IASI, Mauro Luis. As Metamorfoses da Consciência de Classe: O PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

LOWY, Michael. Ideologias e Ciencia Social: Elementos para uma Análise Marxista.

12.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe. São Paulo: Martins Fontes, 2003.